A SERRA DO MAR COBERTA DE MATA ATLÂNTICA E A BAIXADA SANTISTA

AO LONGO DESTE LIVRO, VOCÊ PODERÁ ACESSAR PELO APLICATIVO QR CODE DO SEU CELULAR VÍDEOS E OUTRAS IMAGENS

SERRA DO MAR

A bacia do Rio Grande e seu entorno

EXPEDIENTE

Direção geral
Peter Milko

Direção administrativa
Mauro de Melo Jucá

Direção de arte
Ana Cristina Silveira

Edição
Ronaldo Ribeiro

Reportagem
Kevin Damásio

Fotografia
Adriano Gambarini
Marc Christian Egger
Pulsar Imagens

Vídeo
Adriano Gambarini
Marc Christian Egger
Murilo Alves dos Santos

Assistente editorial
Ane Ribeiro

Edição de vídeos
Murilo Alves dos Santos

Mapas
Clayton Bittencourt

Revisão
Marta Magnani

Saiba mais:
www.projetoserradomar.com.br

Todos os direitos desta edição são reservados à
Horizonte Educação e Comunicação.
Rua Deputado Lacerda Franco, 300, conj. 118.
CEP 05418-000, São Paulo, SP, Brasil.
© Copyright, 2022.

www.edhorizonte.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Damasio, Kevin Assunção

Serra do mar : a bacia do Rio Grande e seu entorno / Kevin Assunção Damasio. --São Paulo : Audichromo Criação em Audiovisuais e Editora, 2022.

ISBN 978-85-88031-42-5

1. Bacia do Rio Grande (MG e SP) 2. Conservação da natureza 3. Mar, Serra do 4. Mar, Serra do -História 5. Meio ambiente 6. Sustentabilidade ambiental I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Mar, Serra do : Geologia de engenharia : Brasil
624.1510981
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

PÁGINAS 2 E 3: TRECHOS CONSERVADOS DA MATA ATLÂNTICA ESPALHAM-SE NO PLANALTO, AO LADO DAS ÁGUAS DA REPRESA BILLINGS

PÁGINAS 4 E 5: PERIQUITOS TIRIBAS COMEM FRUTOS DA PALMEIRA JUÇARA, QUE ALIMENTAM DEZENAS DE ESPÉCIES DE AVES E MAMÍFEROS

PÁGINAS 6 E 7: ENCONTRO DA SERRA DO MAR COM A BAIXADA SANTISTA, COM OS VIADUTOS DA RODOVIA DOS IMIGRANTES E SEU PROLONGAMENTO ATÉ SANTOS

PÁGINA AO LADO: SAÍRA-SETE-CORES, AVE INCONFUNDÍVEL NA MATA ATLÂNTICA, ALIMENTA-SE DE FRUTOS E INSETOS

Lei de Incentivo à CULTURA

Patrocínio

BASF We create chemistry

Realização

HORIZONTE educação e comunicação

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Criamos química para um futuro sustentável

O mundo está mudando com rapidez – soluções para um futuro sustentável são necessárias com cada vez mais urgência. A química exerce um papel fundamental nesse cenário. Em quase todas as áreas da vida, ela pode ajudar a enfrentar desafios globais urgentes com produtos e tecnologias inovadores – desde as mudanças climáticas e o uso de recursos com mais parcimônia até alimentar a população mundial.

Essa convicção está expressa em nosso propósito e é o que nos motiva dia após dia: criamos química para um futuro sustentável. Nossa missão e motivação é crescer de forma lucrativa e contribuir positivamente para a sociedade e para o meio ambiente. Por exemplo, as soluções da BASF colaboram para a proteção do clima e ajudam a prevenir ou reciclar resíduos, produzir alimentos saudáveis e acessíveis e permitir uma mobilidade inteligente em relação ao clima.

Para nós, produção e meio ambiente andam juntos. No Brasil, a BASF possui mais de 37 anos de experiência em restauração de matas nativas do bioma Mata Atlântica. Por meio do programa Mata Viva®, iniciativa conduzida em conjunto com a Fundação Espaço ECO, consultoria para sustentabilidade instituída e mantida pela BASF, já plantamos 1,3 milhão de mudas nativas da Mata Atlântica até 2021, reflorestando cerca de 730 hectares de terras.

Por isso, temos grande orgulho em apresentar a Reserva Suvinil, localizada dentro do Complexo Industrial da BASF em São Bernardo do Campo, onde são produzidas as tintas automotivas e decorativas das marcas Suvinil e Glasu! Acreditamos que a preservação das florestas e de sua biodiversidade garante a manutenção da vida humana no planeta e o desenvolvimento das próximas gerações, além de ter impacto direto na economia.

Nesse contexto, entendemos a importância em registrar e divulgar nossas florestas, sua biodiversidade e seus encantos. Acreditamos que livros como este permitem compreender a relação entre natureza, empresas, entidades governamentais e sociedade, e, assim, contribuir para um futuro mais sustentável.

SUMÁRIO

14

Capítulo 1

A MURALHA VERDE

38

Capítulo 2

A ERA DA INDUSTRIALIZAÇÃO

66

Capítulo 3

O ESPLENDOR DA MATA ATLÂNTICA

92

Capítulo 4

EM DEFESA DA BIODIVERSIDADE

120

Capítulo 5

CULTURA E PARTICIPAÇÃO

Capítulo 1

A MURALHA VERDE

FOTO: MAR, AREIA, MATA, MONTANHAS: A PAISAGEM VISTA PELOS PRIMEIROS NAVEGADORES QUE CHEGARAM AO BRASIL AINDA TEM PARTES PRESERVADAS

É como uma muralha, compararam os primeiros portugueses na costa, assustados diante da barreira montanhosa. Um imenso degrau, de fato, que conecta altitudes e paisagens distintas – do mar ao planalto. Indígenas, pioneiros colonizadores ou veranistas e trabalhadores urbanos: desde sempre, estar no litoral de São Paulo e avançar rumo ao interior significa vencer um desnível de, em média, 700 metros através de uma verdejante cadeia, uma jornada que descortina um dos biomas mais ricos em biodiversidade do Brasil, a Mata Atlântica. Vencida a travessia, no alto, reservas florestais, grandes rios, represas, cidades e indústrias moldam a região metropolitana de maior desenvolvimento econômico no país. Com sua imponência geológica e vegetal, a Serra do Mar é uma escala entre passado e presente, natureza e civilização, trabalho e lazer. É cenário de um país belo e pujante.

PÁGINA AO LADO: RODOVIAS, COMO A IMIGRANTES, TRANSPÕEM A SERRA E LIGAM O PLANALTO PAULISTA AO LITORAL

A cadeia de montanhas litorânea se formou nos primórdios do planeta. No fim do período Cretáceo (que durou de 145 milhões a 66 milhões de anos atrás), um choque de placas tectônicas alterou o relevo em diversas áreas da América do Sul, com o soerguimento da Cordilheira dos Andes e da Serra do Mar. Esse episódio tectônico mudaria a história da biodiversidade da enorme região costeira do lugar que, milênios mais tarde, passaria a se chamar Brasil.

A Serra do Mar estende-se por cerca de 1.500 quilômetros ao longo do litoral brasileiro e compreende uma área de 127.411 quilômetros quadrados. A formação distribui-se entre a zona serrana do sul do Espírito Santo e as encostas íngremes do litoral norte do Rio Grande do Sul, abrangendo as cadeias montanhosas de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina. Trata-se do maior corredor contínuo da Mata Atlântica no país, que percorre regiões tropicais e subtropicais, com relevos de escarpas que podem chegar a 1.800 metros de altitude, planaltos e planícies litorâneas.

ADAPTADA AO CLIMA QUENTE E ÚMIDO, A BROMÉLIA É UMA ESPÉCIE MARCANTE DA SERRA DO MAR

"A Mata Atlântica é a floresta tropical mais antiga do Brasil. E remete ao período em que África, América do Sul, Índia, Antártida e Austrália formavam um único continente, Gondwana", observa o biólogo Carlos Joly, professor do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A araucária é uma das espécies que indicam a existência dessa conexão, por ser um gênero específico de gimnospermas (plantas que possuem sementes nuas, ou seja, que não estão dentro dos frutos) que ocorre no Brasil, no Chile, na África do Sul e na Austrália. "Isso mostra que esses continentes, em algum momento, foram conectados, uma vez que não há possibilidade de dispersão de sementes por aves a distâncias tão longas", diz Joly.

A Serra do Mar é revestida por uma formação florestal há, pelo menos, 65 milhões de anos e engloba grande diversidade de ecossistemas, ditados por variações da floresta ombrófila densa – típica mata fechada e muito úmida, marcada por espécies de samambaia, bromélia, palmeira e orquídea. Ao longo da história, a condição climática ditou as transformações da serra. Em períodos mais secos, a cobertura vegetal se reduziu em extensão. Épocas glaciais, por sua vez, favoreceram a expansão da vegetação: fósseis de araucária já foram encontrados no sul da Bahia, por exemplo.

Originalmente, a serra abrangia uma área maior do que a atual. Estendia-se por cerca de 40 quilômetros a leste até onde, hoje, se encontram a Ilha Anchieta, a Ilhabela e o Arquipélago de Alcatrazes. A fragmentação e o recuo da serra ocorreram por sucessivos processos erosivos decorrentes dos rios, do mar e de deslizamentos de terra – erosões que continuam lentamente e, ao longo de milhões de anos, modificam a paisagem da cadeia montanhosa.

PÁGINA AO LADO: ARAUCÁRIAS SÃO RARAS NA SERRA DO MAR. ELAS OCORREM APENAS NAS ALTITUDES MAIS ELEVADAS

NO PASSADO, O ARQUIPÉLAGO DE ALCATRAZES, HOJE DISTANTE 45 KM DA COSTA, FAZIA PARTE DA CADEIA DE MONTANHAS DA SERRA

OS RIOS DA SERRA

O surgimento da muralha verde deu origem a cursos hídricos de importantes bacias hidrográficas do estado de São Paulo. "A Serra do Mar tem uma característica maravilhosa: nascentes que fluem para as duas direções. Alguns rios vêm para o planalto e outros vão para o litoral", observa a bióloga e especialista em recursos hídricos Marta Marcondes, professora da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Nas encostas da serra, estão as nascentes de dezenas de rios de vales históricos como o do Jurubatuba e do Tamanduateí, que garantem, a um só tempo, o equilíbrio dos ecossistemas e o abastecimento da população do litoral e de parte significativa do planalto.

"A SERRA DO MAR TEM UMA CARACTERÍSTICA MARAVILHOSA: NASCENTES QUE FLUEM PARA AS DUAS DIREÇÕES. ALGUNS RIOS VÊM PARA O PLANALTO E OUTROS VÃO PARA O LITORAL."

PÁGINA ANTERIOR: A SERRA DO MAR É RECOBERTA PELA MATA ATLÂNTICA, UM BIOMA QUE SE ESTENDE PELO LITORAL DO BRASIL

NAS ENCOSTAS PRESERVADAS DA SERRA, O PILÕES É UM DOS RIOS QUE NASCEM E CORREM RUMO AO MAR

AS ÁGUAS DO BRAÇO RIO GRANDE DA REPRESA BILLINGS ABASTECEM MILHÕES DE PESSOAS NO ABC. EM 1981, ELE FOI ISOLADO PARA GARANTIR A QUALIDADE DA ÁGUA

No contraforte das montanhas, nascem os cursos d'água que correm para o planalto e formam uma parcela expressiva da Bacia do Alto Tietê. Um exemplo emblemático é o Rio Grande, que brota do solo na região de Paranapiacaba. Trata-se do rio mais importante da Represa Billings, que abastece, aproximadamente, 2 milhões de pessoas na região metropolitana de São Paulo. Ao longo do seu curso, o Grande encontra o Rio Guarapiranga, e, após 84 quilômetros, dá origem ao Rio Pinheiros. Este, por sua vez, deságua no principal corpo hídrico do estado, o Tietê – que, milhões de anos atrás, corria para o litoral, mas, com a elevação da Serra do Mar, foi redirecionado para o interior.

Maior rio do litoral paulista, o Itapanhaú encontra o Oceano Atlântico em Bertioga, mas vem de longe. Forma-se há 40 quilômetros de sua foz, no encontro dos rios Sertãozinho e Guacá, na cidade de Biritiba-Mirim, no alto da serra. Passa por um trecho de corredeiras e, depois, serpenteia, rodeado pela Mata Atlântica, bordeja o Parque Estadual Restinga de Bertioga e dá a volta no município para, enfim, descansar no mar.

Já na Baixada Santista, o Rio Cubatão tem uma bacia de 177 quilômetros quadrados. Suas nascentes surgem em meio à mata da Serra do Mar, em uma região protegida do município de São Bernardo do Campo, e descem as escarpas em um caminho tortuoso. No sopé da serra, é alimentado por afluentes como os rios Cubatão de Cima, Pilões e Mogi e os ribeirões das Pedras e Perequê. Após cruzar o município de mesmo nome, encontra o mar, em Santos.

O JESUÍTA JOSÉ DE ANCHIETA VEIO AO BRASIL COM A MISSÃO DE CONVERTER OS INDÍGENAS AO CRISTIANISMO

ESTIMA-SE QUE 1,5 MILHÃO DE GUARANIS E 1 MILHÃO DE TUPINAMBÁS HABITAVAM O LITORAL DO BRASIL, NO PERÍODO PRÉ-COLONIAL. OS INDÍGENAS VIVIAM DA PESCA, DA CAÇA E DA AGRICULTURA DE COIVARA – "TÉCNICA TRADICIONAL, INICIADA PELA DERRUBADA DA MATA NATIVA, E SEGUIDA PELA QUEIMA DE VEGETAÇÃO E PELA PLANTAÇÃO INTERCALADA DE CULTURAS".

OCUPAÇÃO INDÍGENA

Há aproximadamente 15 mil anos, uma era glacial possibilitou a migração terrestre de povos da Ásia para as Américas. A travessia pelo Pacífico Norte aconteceu pela Beríngia, região de terra firme que conectava a Sibéria ao Alasca (hoje, Estreito de Bering), e foi seguida por, ao menos, outras duas ondas migratórias. Logo, os "primeiros americanos" desceram o continente pelo litoral do Pacífico até o extremo sul do Chile e colonizaram o continente. Entre os primeiros povos do que se tornaria o Brasil estão os ticunas, jamamadis, suruís, parakanãs e araras, na Amazônia, e guaranis e kaingangs, próximos à fronteira com o Paraguai.

No final do século 15, o litoral brasileiro já estava habitado de norte a sul por "um mundo tupi-guarani", dividido em dois grupos. "Ao sul, os guaranis, que viviam nas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, e, no litoral, desde a Lagoa dos Patos até Cananeia (SP). Ao norte, dominavam os tupinambás, que se estabeleceram na costa desde Iguape até o atual estado do Ceará. Estes últimos também estavam presentes no interior, entre os rios Tietê e Paranapanema", escreveu a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, no livro *História dos Índios no Brasil*.

Segundo a antropóloga, estima-se que 1,5 milhão de guaranis e 1 milhão de tupinambás habitavam o litoral do Brasil, no período Pré-Colonial. Os indígenas viviam da pesca, da caça e da agricultura de coivara – "técnica tradicional, iniciada pela derrubada da mata nativa, e seguida pela queima de vegetação e pela plantação intercalada de culturas". O milho representava a base da alimentação dos guaranis, enquanto a dieta dos tupinambás se baseava na mandioca amarga, utilizada na produção de farinha.

Peabiru, o mítico caminho que abriu o intercâmbio

Antes da chegada dos europeus, a América do Sul já era um continente habitado por povos que circulavam pelo litoral e interior. Uma das rotas, muito utilizada pelos guaranis, ficou conhecida como Caminho do Peabiru, ou Caminho de São Tomé. Essa rota pré-colonial se estendia por, aproximadamente, 3 mil quilômetros, e ligava o Oceano Atlântico, em São Vicente (SP), ao litoral peruano, no Pacífico. Algumas ramificações seguiam para outros destinos, como a costa de Santa Catarina. O percurso abrangia, por exemplo, regiões que hoje são os municípios de São Paulo, Sorocaba (SP), Alto Piquiri (PR), Foz do Iguaçu (PR), Assunção (Paraguai) e Cusco (Peru).

A constituição de qual era o itinerário principal do Peabiru, bem como de suas rotas alternativas, se deu, em grande parte, pelos relatos e mapas das expedições de viajantes europeus do século 16, a exemplo do náufrago português Aleixo Garcia (1522–1524), do colono espanhol Álvar Nuñez Cabeza de Vaca (1541–1542) e do soldado alemão Ulrich Schmidl (1552–1553).

Ao longo do percurso, povos originários estabeleciam relações sociais e comerciais. Os indígenas do litoral comercializavam sal e conchas ornamentais; os do interior, feijão, milho, penas de aves grandes; os incas, artigos de cobre, bronze, prata e ouro.

Em 1970 e 1971, uma equipe da Universidade Federal do Paraná identificou um trecho de quase 30 quilômetros do Peabiru, além de aterros, casas e galeria subterrâneas. A descoberta aconteceu na região do Baixo Rio Piquiri, nos arredores do município de Campina da Lagoa (PR). "Nos trechos de mata, os vestígios do caminho eram perfeitamente visíveis. A trilha media 1,40 metro de largura e 0,40 de profundidade. Os seus restos desapareciam, completamente, nos terrenos desmatados ou lavrados para, novamente, aparecerem nos trechos protegidos pela vegetação. Não constatamos qualquer revestimento de seu leito. A terra apresentava-se compactada", relatou o arqueólogo Igor Chmyz, que liderou o trabalho, em uma edição de 1971 da revista *Dédalos*, da Universidade de São Paulo.

Na região da Serra do Mar paulista, tupiniquins, tupinambás, carijós (guaranis) e tamoios eram os principais grupos, nos séculos 16 e 17. Deslocavam-se entre a costa e o planalto através de trilhas, caminhos geralmente traçados por antas – o maior mamífero do Brasil. Os indígenas deslocavam-se pelo território não apenas por terra como também por canoa, nos abundantes rios, lagos e mares.

Em 2005, um grupo coordenado pelo arqueólogo Paulo Zanettini encontrou 76 vestígios arqueológicos no Parque Estadual da Serra do Mar, no núcleo Itutinga-Pilões, em Cubatão. Entre os achados está a primeira pintura rupestre identificada naquela região, em uma pedra de cerca de 3 metros de altura, no Vale do Quilombo. Em seus estudos, Zanettini já localizou, também, pontas de flecha em outro ponto no sopé da serra, próximo à Calçada do Lorena – a primeira estrada pavimentada no Brasil (1789). "Para muitos historiadores, a Serra do Mar é vista como uma muralha intransponível que os colonizadores tentavam vencer, um grande obstáculo para a penetração do capital mercantil. Encontrar gravuras rupestres significa que não era um lugar só de passagem, mas um trecho usado de diversas maneiras", explica Zanettini. Os indígenas utilizavam diversas trilhas por uma série de razões: migrações, caça, coleta de frutas e cerimoniais. "Era um território articulado, por onde se deslocavam povos do litoral e do planalto há mais de 10 mil anos."

No período Colonial, esses caminhos foram adotados, também, por jesuítas e colonos para a ocupação do planalto e o tráfego de mercadorias.

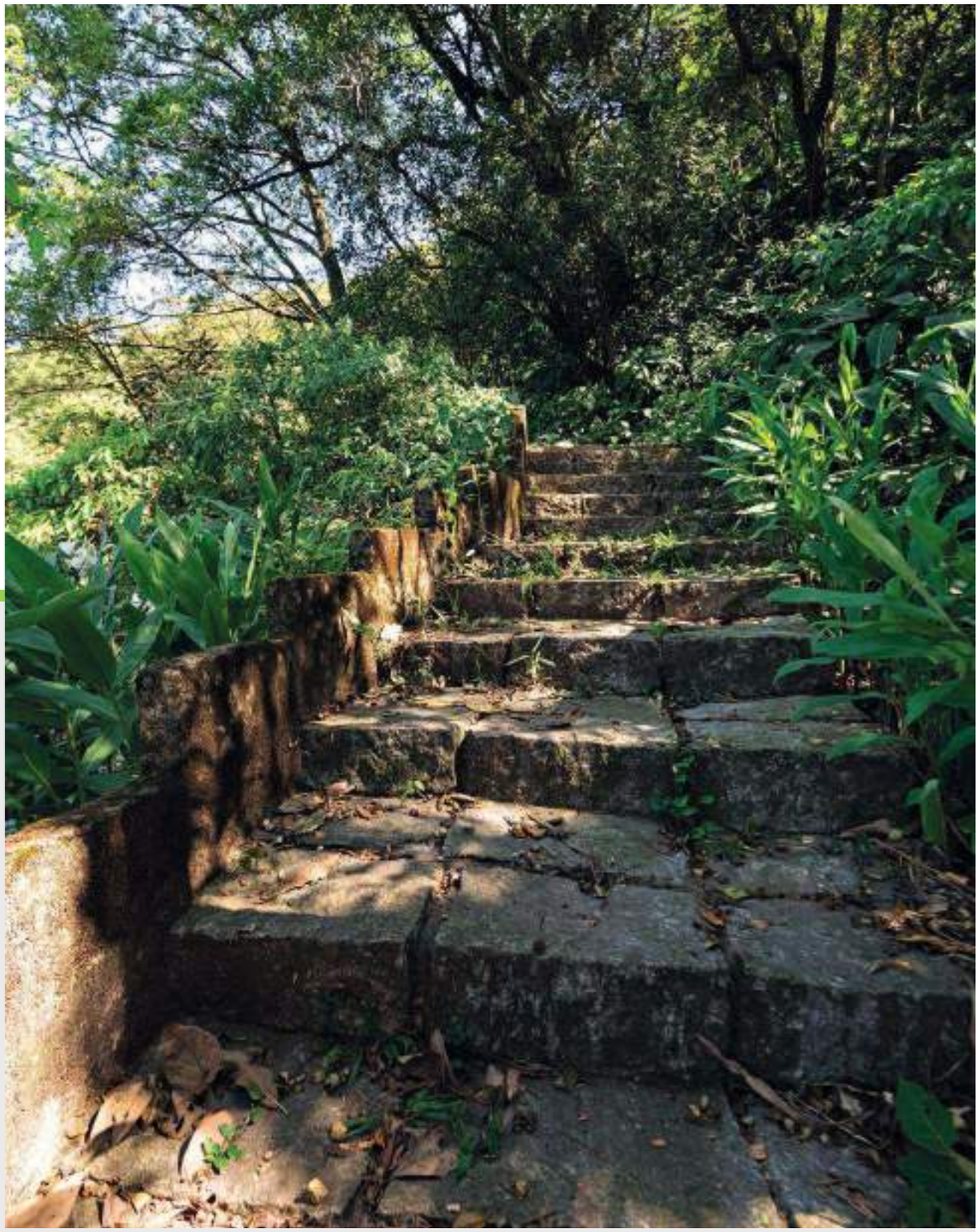
A calçada de pedras usada por D. Pedro I

No início da década de 1790, com o desgaste e o perigo das antigas rotas indígenas, o governador Bernardo José de Lorena ordenou a construção de uma estrada que ligasse as províncias de São Vicente e São Paulo. O objetivo era facilitar o trânsito de pessoas e mercadorias pela Serra do Mar, entre o litoral e o planalto. A mercadoria principal era a cana-de-açúcar, com destino ao Porto de Santos. A construção, realizada pelo Corpo Real de Engenheiros de Portugal, seguiu um traçado em zigue-zague, a fim de reduzir a declividade e evitar a erosão pela chuva da calçada pavimentada com blocos de pedra de macadame. Mais tarde, o trajeto foi batizado de Calçada do Lorena, em homenagem ao governador da província de São Paulo de 1788 a 1795.

"O pavimento assegurou o escoamento para o litoral do açúcar dos produtores do interior, como Mogi e Itu. Foi uma obra pensada para fugir da água, que é o grande problema da serra", observa o arqueólogo Paulo Zanettini, que trabalhou na restauração da calçada, a partir de 1989. Nas obras, identificaram um calçamento quase impecável em termos de conservação.

Foi pela Calçada do Lorena que D. Pedro I subiu a Serra do Mar – sofrendo de fortes cólicas abdominais, asseguram algumas fontes – e chegou às margens do Rio Ipiranga, onde proclamou a independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822. A estrada pavimentada foi utilizada por, aproximadamente, 50 anos. Na década de 1840, autoridades portuguesas, como o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, passaram a defender a abertura de novas vias.

Atração principal do Parque Caminhos do Mar, a Calçada do Lorena é tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).



A CALÇADA DO LORENA FOI DEIXADA DE LADO QUANDO O ESCOAMENTO DE CAFÉ EXIGIU CAMINHOS MELHORES

VÍDEO CAPTADO POR DRONE MOSTRA A MATA ATLÂNTICA NA REGIÃO DA RODOVIA DOS IMIGRANTES

COMO A TRILHA DOS TUPINIQUINS SOFRIA ATAQUES CONSTANTES, OS PORTUGUESES ABRIRAM O CAMINHO DO PADRE JOSÉ

COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

Em 22 de abril de 1500, o navegador Pedro Álvares Cabral chegou à costa brasileira, no sul da Bahia. Pouco tempo depois, em 20 de janeiro de 1502, uma expedição atracou no deslumbrante litoral norte paulista. Comandada por Gonçalo Coelho e integrada pelo famoso navegante italiano Américo Vespúcio, batizaram uma ilha desabitada com o nome do santo do dia, São Sebastião (atual Ilhabela).

A efetiva colonização portuguesa no Brasil só teve início em 1530. Dois anos depois, o comandante Martim Afonso de Sousa fundou São Vicente e estabeleceu ali o primeiro engenho de cana-de-açúcar. A região, na planície litorânea e rodeada pela muralha verde da Serra do Mar, era, originalmente, habitada pelos tupiniquins, com grupos que migravam entre o litoral e o planalto.

PÁGINA ANTERIOR: A MAJESTOSA FLORESTA COBRE O RELEVO NA ÁREA DO NÚCLEO ITUTINGA-PILÕES DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR

Em 1534, Portugal dividiu o Brasil em 14 capitanias hereditárias, pressionado pela invasão de europeus ao longo da costa e pela colonização espanhola bem-sucedida na outra metade do continente dividido pelo Tratado de Tordesilhas. Martim Afonso foi um dos donatários, tornando-se governador da Capitania de São Vicente. O cargo lhe dava poderes plenos para desenvolver o território.

Assim que chegaram a São Vicente, os portugueses identificaram que os tupiniquins viviam em conflito com as etnias vizinhas, sobretudo os tupinambás e os tamoios – que, posteriormente, fariam alianças com os franceses que chegaram ao litoral paulista. Os lusitanos aliaram-se aos tupiniquins e passaram a fomentar essas disputas, tendo em vista a ampliação da mão de obra para os empreendimentos da metrópole na colônia. Primeiro, empregaram o escambo de ferramentas e quinquilharias com os líderes indígenas em troca de prisioneiros de guerra; depois, apostaram na compra dos capturados. Em 1548, há registro de que mais de 3 mil cativos trabalhavam em seis engenhos da Capitania de São Vicente. Mas a estratégia não demorou a se provar ineficaz.

"Durante este período, as ações e reações indígenas foram contrárias às expectativas portuguesas e, como tais, pesaram de modo significativo na elaboração de uma política lusitana de dominação na região. Os portugueses, em suas relações com os índios, buscaram impor diversas formas de organização do trabalho e, em contrapartida, defrontaram-se com atitudes inconstantes que oscilaram entre a colaboração e a resistência", escreveu o antropólogo John Manuel Monteiro, no livro *Negros da Terra*.

A relação com os colonizadores europeus resultou na desorganização social e no declínio demográfico dos povos indígenas, seja pela escravização, seja pela disseminação de doenças como coqueluche, sarampo e varíola. Para os portugueses, isso significou uma redução da força de trabalho. Assim, decidiram atravessar a Serra do Mar, em meados do século 16, e ocupar o planalto paulista.

A RELAÇÃO COM OS COLONIZADORES EUROPEUS RESULTOU NA DESORGANIZAÇÃO SOCIAL E NO DECLÍNIO DEMOGRÁFICO DOS POVOS INDÍGENAS, SEJA PELA ESCRAVIZAÇÃO, SEJA PELA DISSEMINAÇÃO DE DOENÇAS COMO COQUELUCHE, SARAMPO E VARÍOLA. PARA OS PORTUGUESES, ISSO SIGNIFICOU UMA REDUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO. ASSIM, DECIDIRAM ATRAVESSAR A SERRA DO MAR, EM MEADOS DO SÉCULO 16, E OCUPAR O PLANALTO PAULISTA.

A EXTRAÇÃO DO PAU-BRASIL, COM SUA RESINA AVERMELHADA QUE SERVIA PARA TINGIR TECIDOS, FOI A PRIMEIRA ATIVIDADE COMERCIAL DOS COLONIZADORES NO BRASIL

A primeira rodovia pavimentada que venceu a serra

Envolvido pela serra, o Parque Caminhos do Mar é um patrimônio de florestas protegidas nos municípios de Cubatão e São Bernardo do Campo, inserido no Parque Estadual da Serra do Mar e na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Mas o lugar também guarda enorme importância histórica: lá estão os monumentos das rotas tradicionais entre o planalto e o litoral paulista. A unidade de conservação ainda abriga o complexo da Usina Henry Borden, com a Barragem do Rio das Pedras e as grandes tubulações que descem a serra – um marco para a produção energética, no início do século 20.

Na década de 1840, o recém-independente Brasil vivia a decadência da economia da cana-de-açúcar, enquanto o café emergia como potência comercial. Mas havia um problema: a Calçada do Lorena, um percurso feito por mulas, não suportava o necessário transporte da mercadoria em carroças. Por isso, em 1844, o governo iniciou a construção de uma estrada entre Santos e São Paulo. A via foi batizada de Estrada da Maioridade, em homenagem a D. Pedro II, coroado aos 14 anos.

O aquecido mercado cafeeiro impulsionou a criação de ferrovias – entre elas a Santos–Jundiaí –, o que

NO SÉCULO 19, TROPAS PARAVAM PARA DESCANSO E ABASTECIMENTO NO RANCHO DA MAIORIDADE

reduziu, drasticamente, o tráfego na estrada, nas décadas seguintes. A movimentação só voltou no início do século 20, quando os automóveis se tornaram populares. O jurista e proprietário de terras Arthur Rudge Ramos revitalizou a Calçada do Lorena e a Estrada da Maioridade. Em 1913, o Caminho do Mar foi a primeira rodovia pavimentada em concreto na América Latina.

Em homenagem ao centenário da Independência do Brasil, em 1922, o governador Washington Luiz encomendou a construção de seis monumentos: Cruzeiro Quinhentista, Pontilhão da Serra, Belvedere Circular, Padrão do Lorena, Rancho da Maioridade e Pouso de Paranapiacaba. As obras, projetadas por Victor Dubugras, francês que foi um dos precursores da arquitetura moderna na América Latina, são tombadas como patrimônio histórico cultural. Além delas, o parque tem o Monumento do Pico, as ruínas do Pouso, a Calçada do Lorena e a Casa de Visitas do Alto da Serra.

"A Calçada do Lorena vem em um momento em que os deslocamentos passam a ser concentrados em caminhos terrestres. Esse é o vetor sobre o qual ocorre, depois, toda a história dos transportes na serra: Caminho da Maioridade, Estrada Velha de Santos, Via Anchieta e Imigrantes", destaca o arqueólogo Paulo Zanettini.

O PADRÃO DO LORENA É OUTRO MONUMENTO HISTÓRICO NO PARQUE CAMINHOS DO MAR

Na região conhecida como Serra Acima, os tupiniquins mantinham a maioria de suas aldeias e conviviam com os guaianás, da família linguística macro-jê. Havia três assentamentos principais, nos anos 1550, liderados por três irmãos. O Inhapuambuçu situava-se na confluência do Rio Tamanduateí com o Ribeirão Anhangabaú (atual centro de São Paulo), e era chefiado pelo tupiniquim Martim Afonso Tibiriçá; o Jurubatuba (ou Jeribatiba), próximo ao, agora, bairro de Santo Amaro, era liderado por Cauibi; e o Ururaí estava sob o comando de Piquerobi, e se tornaria a base do aldeamento de São Miguel – hoje, um bairro na zona leste paulistana. O genro de Tibiriçá era João Ramalho, um português que vivia nas aldeias e se tornou uma figura importante na aliança luso-indígena.

PÁGINA ANTERIOR: A CHEGADA DAS NAUS PORTUGUESAS ESTÁ REGISTRADA NOS AZULEJOS DO CRUZEIRO QUINHENTISTA, NA ESTRADA CAMINHOS DO MAR, EM CUBATÃO

PERTO DE UM RIO DO PLANALTO, O TAMANDUATEÍ, JESUÍTAS FUNDARAM O COLÉGIO AO REDOR DO QUAL CRESCEU SÃO PAULO

FOI UMA ÉPOCA DE GRANDE MOVIMENTO, DECISIVA PARA A FORMAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. JESUÍTAS LIDERADOS PELO PADRE MANOEL DA NÓBREGA SUBIRAM A SERRA E, EM 25 DE JANEIRO DE 1554, FUNDARAM, ÀS MARGENS DO RIO TAMANDUATEÍ, O REAL COLÉGIO DE SÃO PAULO DE PIRATININGA, QUE LOGO SE TORNOU A VILA DE SÃO PAULO DOS CAMPOS DE PIRATININGA.

Em 1548, o rei de Portugal, D. Pedro III, ordenou a criação do primeiro Governo-Geral do Brasil. Colonos e jesuítas foram encarregados de alcançar, povoar e explorar o pouco conhecido interior do Brasil.

A consolidação da ocupação portuguesa no planalto aconteceu a partir de 1553. Naquele ano, foi criada a terceira vila da capitania, Santo André da Borda do Campo, no entorno da Aldeia de João Ramalho. A região situava-se nos arredores da rota mais utilizada pelos indígenas no deslocamento para a costa – a Trilha dos Tupiniquins – e facilitava o acesso ao interior da capitania ao sul e ao oeste.

Foi uma época de grande movimento, decisiva para a formação do estado de São Paulo. Jesuítas liderados pelo padre Manoel da Nóbrega subiram a serra e, em 25 de janeiro de 1554, fundaram, às margens do Rio Tamanduateí, o Real Colégio de São Paulo de Piratininga, que logo se tornou a Vila de São Paulo dos Campos de Piratininga.

Como a Trilha dos Tupiniquins sofria constantes ataques dos tamoios – habitantes do litoral norte e aliados de franceses –, o então governador-geral do Brasil ordenou a abertura de uma nova rota, que seguia o Vale do Rio Perequê, passava pelos rios Pequeno e Grande até chegar ao Pinheiros ou às cabeceiras do Tamanduateí. O percurso ficou conhecido como Caminho do Padre José, em referência a José de Anchieta. Em 1560, os missionários instalaram três aldeamentos: São Miguel, Nossa Senhora dos Pinheiros e Itaquaquecetuba. Para os jesuítas, as aldeias controladas – que misturavam povos e culturas – visavam a conversão de lideranças, o doutrinamento de jovens e o enfraquecimento da influência de pajés e caraíbas.

Para os colonos, o planalto representava uma base para expedições no sertão do Brasil atrás de mão de obra indígena. A princípio, para os engenhos de açúcar do litoral. Depois, para o desenvolvimento das vilas de São Paulo e Santo André por meio de atividades agropecuárias. De 1628 a 1641, houve um "surto bandeirante", com diversas expedições de sertanistas, que, sob o pretexto de buscar ouro, prata e esmeralda, tinham como resultado maior a captura de milhares de guaranis, usados como força de trabalho para o desenvolvimento econômico do planalto – uma investida comandada pelo bandeirante Antônio Raposo Tavares, em 1629, aprisionou entre 30 mil e 60 mil indígenas.

Cinco séculos depois, a história registra que aventura, sofrimento e drama marcaram os primeiros capítulos da colonização do território paulista. E foi a conquista da muralha verde, a subida da Serra do Mar, que descortinou os caminhos para a formação daquela que é, hoje, uma das maiores metrópoles do mundo.